

JULHO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 21

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA — O CASO DA RÚSSIA — VI

Individualismo e segurança social — Dirigismo e relação universitária

A GRANDE INFLUÊNCIA DO PAPEL PSICOLÓGICO DO «PAI» NA FORMAÇÃO DO CARÁCTER DOS FILHOS

O papel psicológico do pai — É o pai que corta o «cordão umbilical»

A FÍSICO-PSICOLOGIA E AS SUAS RELAÇÕES COM A PSICOLOGIA

A codificação dos influxos nervosos. Exemplo do «processo fotogéneo» — Facto cumulativo na excitação neurotónica

PROBLEMAS DAS JUVENTUDES — A CRIAÇÃO, FRUSTADA, DE UM NOVO «PAIZ HIPPY»

Tratamento possível desta «doença social» — Até que ponto são os pais ou os filhos responsáveis pelos actos praticados? — É o que se tem de definir na futura legislação — Qual será a atitude dos educadores, dos sociólogos e dos representantes da autoridade?

A INFLUÊNCIA DOS RUÍDOS SOBRE O ORGANISMO E A HIGIENE MENTAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala

Est.

Tab.

N.º

A

NEOCICLINA VITAMINADA

**Satisfaz as 4 condições de uma
boa preparação antibiótica:**

- 1.º — EFICÁCIA — Nível circulante óptimo no plasma.
- 2.º — PREVENÇÃO — Previne as alterações na flora intestinal, pela associação das vitaminas.
- 3.º — COMODIDADE — Permite, com uma só aplicação, uma medicação polivalente.
- 4.º — GARANTIA — Não contém quaisquer produtos conservantes prejudiciais.

Composição:

	<i>Cápsulas</i>	<i>Suspensão oral</i>
Cl. de tetraciclina	250 mg	1,5 mg
Vitamina B ₁	2,5 »	0,015 g
» B ₂	2,5 »	0,015 »
» PP	25 »	0,15 »
» B ₆	0,5 »	0,03 »
» B ₁₂	1 mcg	6 mcg
Pantotenato de cálcio	5 mg	0,03 g
Ácido fólico	0,375 »	2,25 mg
Vitamina C	75 »	0,45 g
» K	0,5 »	0,003 »
Excipiente com glucosamina	q. b. p. 1 cápsula	—
Pó para suspensão com glucosamina	—	q. b.
Apresentação	Frs. de 8 e 16 cápsulas	Frs. de 60 g

**A NEOCICLINA VITAMINADA PODE SER
PRESCRITA COM INTEIRA CONFIANÇA**

JUNHO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 21

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARAM O MUNDO SOCIALISTA

O CASO DA RÚSSIA

VI

Vimos no último artigo (n.º 7) a evolução do problema da socialização da Rússia e a razão pela qual se via ultimamente obrigada a melhorar as vantagens de segurança pessoal e social e de aumentar o esforço de captação das juventudes, para evitar o começo da desagregação da complexa sociedade russa e de a manter unida contra a ameaça chinesa.

Individualismo e segurança social

A «segurança social», no sentido literal, implica que toda a acção humana, quer seja no quadro restrito de um passeio ou de uma distracção, quer seja no quadro universal da orientação de toda uma vida profissional, deve ser estritamente prevista com antecedência e seguida rigorosamente por uma administração responsável.

O plano deve cumprir-se, sem que o governo mostre que não teve energia para o executar; as iniciativas privadas que possam fazer correr o risco de perturbar o ritmo das actividades terão de ser eliminadas.

O governo pode mostrar-se lento na execução dos planos, mas toda a acção previamente programada e anunciada, tem de atingir efectivamente a sua realização.

Da mesma maneira que um viajante não pode abandonar-se ao acaso dos incidentes de viagem e das intempéries, não se pode deixar o destino de um trabalhador, cuja segurança foi garantida, sujeita a qualquer aci-



dente de pouca sorte ou de não oportunidade. As regras da previdência, de segurança colectiva, de distribuição rigorosa dos lugares que pertencem a cada um, dos direitos e obrigações de cada pessoa, formam um conjunto rígido, por vezes austero, do mundo soviético, mas de que depende a segurança e a sua força.

Sabe-se que, nos países soviéticos, os intelectuais que foram «preparados» para uma profissão muito *protegida*, professores, médicos, cientistas, etc., são muitas vezes mais mal pagos do que certos trabalhadores, técnicos, às vezes menos do que um simples camionista, mas isto explica-se porque a educação desses universitários, nunca custou nada aos pais e, pelo contrário, estiveram sempre a cargo do Estado durante os seus longos estudos e nem sequer tiveram despesas profissionais relativas à sua profissão, pois que os instrumentos, livros, fatos especiais, etc., lhes foram sempre fornecidos. O capital enorme de investimento, que foi necessário num país livre, justifica um melhor rendimento quando se chegou ao fim se a pessoa tem aptidões que o justifiquem. Esta situação, aparentemente menos favorável aos trabalhadores intelectuais, parece justa nos países comunistas.

Pelo contrário, a idade da reforma é proporcional à dureza da profissão e ao desgaste que produz, ou pode ser antecipada por razões de saúde. A idade da reforma é, normalmente, de 60 anos para os homens e de 55 para as mulheres, mas é necessário pensar que, em geral, o trabalho é muito mais duro nos países socialistas. Os mineiros, os trabalhadores em profissões perigosas ou em condições climáticas ou químicas prejudiciais à saúde, os engenheiros ou empregados de laboratórios, expostos a operações que provocam certas emanções, não só são mais bem pagos, por vezes até ao dobro, ou triplo dos salários normais, mas beneficiam de uma reforma prematura, que pode mesmo atingir os 50 anos.

O reformado que receber, por exemplo, 70 % do salário, calculado segundo os anos de trabalho efectivo, tem o direito de se consagrar a uma profissão leve, de que o salário poderá atingir os 30 %, para completar o salário normal. Mas, pelo contrário, o trabalhador ou o inválido reformado, não tem o direito de acumular um benefício normal que possa exceder o do seu antigo salário.

Alguns países, como a Alemanha, em virtude da carência de quadros, já admite que os reformados com o limite de idade dos 70 anos, possam juntar outros serviços, na medida da sua competência e possibilidade; conhecemos um professor secundário, atingido pelo limite de idade, que está agora contratado como professor de uma escola técnica elementar. Já tratámos deste problema em outro artigo e julgamos que em Portugal a lei devia ser revista, não só para bem desses compelidos à reforma, mas para preenchimento de vagas difíceis de preencher e que puderiam ser desempenhadas por esses reformados, depois de um exame à sua capacidade actual.

O culto da criança e da juventude na U. R. S. S.

Como atrás dissemos, os soviéticos, no intuito de proteger o seu futuro, têm a preocupação de conquistar a juventude, que é uma das forças com quem têm de contar.

Como em todos os países atentos ao factor «futuro», a criança é o ponto de atenção para o estabelecimento dos planos de planificação social. Ainda que o materialismo dialéctico tenha condenado a «família» como uma «perniciosa invenção da Igreja», a vida da família é uma preocupação na União Soviética. Se a velhice não oferece grandes preocupações e se o culto da imortalidade da alma foi praticamente proibido, a *juventude*, pelo contrário, recebe todo o carinho desejável para a conservação e melhoria da sua saúde e das suas faculdades físicas e intelectuais. É um capital a defender...

Os jovens «pioneiros» (que correspondem aos nossos escoteiros) e, sobretudo os grupos de crianças surpreendem-nos pelo seu espírito de coesão, pela sua perfeita submissão, desde a mais tenra idade, à divisão dos bens, à ocupação dos brinquedos e à vida em comum.

Nas creches ou nos «clubes de crianças», estas têm à sua disposição uma tal quantidade de brinquedos, técnicos ou educativos, e material audio-visual que as crianças de famílias ricas do Ocidente seria difícil possuírem em conjunto. Os pedagogos russos diriam que esta colecção, para uma criança isolada seria inútil, porque uma criança só brinca com um brinquedo de cada vez, enquanto os pequenos se habituem a um sistema de empréstimos cíclicos, que continua mais tarde com os livros das bibliotecas públicas. Os «comboios colectivos para crianças», quase de tamanho natural, são inteiramente manejados por crianças, tanto maquinistas, que só a princípio são acompanhados para instrução, como bilheteiros, revisores, etc.; estes comboios são célebres em muitos países da «cortina de ferro» e dão um grande prazer às crianças porque lhes dão responsabilidades e portanto, personalidade.

Este é um ponto do plano de atracção das crianças, que é muito vasto. Os desportos estão muito desenvolvidos; raparigas e rapazes são reunidos e educados segundo o princípio natural dos seres, o que tem por efeito, como entre os irmãos e as irmãs educados em conjunto, evitar muitas preocupações sexuais no princípio da puberdade e na adolescência. Os abusadores, os «conquistadores» ou os vadios são impiedosamente perseguidos pela polícia e o alcoolismo é punido severamente. A vagabundagem que caracteriza os movimentos dos admiradores dos «beatnicks» de uma parte da juventude ocidental, bem como o uso dos estupefacientes, nem sequer por hipótese seriam tolerados na Rússia.

Um dos maiores crimes que se pode cometer nos países comunistas é o de recusar trabalhar para o bem da comunidade, pois que esta tem o dever de compensar cada um dos seus sacrifícios e esforços, por meio de vantagens, educativas, médicas, etc., que a pessoa possa procurar.

O *ideal colectivo* é necessariamente baseado sobre um conceito de «camaradagem», inculcado desde a infância, não por meio de métodos de autoritarismo ameaçador, como se praticava nas sociedades fascistas, mas por meios naturais de imitação instintiva. A imitação, como tem sido demonstrado pelos filósofos e psicólogos, é uma das funções humanas mais fundamentais, a base de toda a civilização, tanto artística, como legislativa ou religiosa. Esta imitação está na base de toda a moral atea, que na Rússia é muito puritana; a «prostituição» e os actos de «indecência pública» são severamente perseguidos, ao passo que são encorajadas as atitudes desportivas ou qualquer ensino de carácter científico apropriado à educação moderna.

Verifica-se pois que a atracção que os socialistas russos querem exercer sobre a juventude, se baseia em princípios de moralidade e respeito pelos costumes e leis, que são a base de uma sociedade sólida e unida. Isto mostra como o plano russo foi bem estudado e o seu desenvolvimento rigorosamente vigiado, ao mesmo tempo que, como mostrámos no n.º 13 da 5.ª série, o plano de dissociação das juventudes dos países ocidentais se restabeleceu sobre base da imoralidade e do desrespeito pelas leis e costumes. É assim que se procura desorganizar o inimigo, que é o Ocidente; a falta de respeito pelas leis e costumes morais e políticos e as liberdades que se dão aos jovens estão transformando muitos em agentes da dissociação e da moral, executando-se assim o plano russo a que nos referimos no n.º 13 da 5.ª série.

Para melhor se compreender o plano, bem organizado da disciplina, baseada em princípios de atracção dos jovens, vamos a seguir estudar outro aspecto do plano.

Mas, antes disto precisamos de definir bem claramente o valor exacto das palavras e expressões que empregamos. As palavras não têm o mesmo significado, para aquém ou para além da «cortina de ferro», porque as noções sobre deveres são diferentes. Por exemplo, a palavra «democracia» tem uma significação muito diversa em cada uma dessas regiões. Uma república *socialista* não tem que ser *democrática*, no sentido que aqui lhe damos; as repúblicas para além da «cortina de ferro» são *repúblicas socialistas soviéticas* e só existe uma, a «república democrática alemã», em que a palavra *democrática* foi colocada para dar aos ocidentais a ideia de que ela não era uma «república socialista», mas «democrática» no sentido que os ocidentais dão a essa palavra.

Ora, a disciplina social nas repúblicas socialistas baseia-se no princípio de que a comunidade tem que ser disciplinada, porque a disciplina

é a base da organização, da tranquilidade e do progresso das sociedades; se os «delegados do partido» resolvem estabelecer umas regras sociais e elas são proclamadas pelo soviete supremo, que é a expressão mais elevada do socialismo do país, qualquer atentado contra a lei, representa um crime, muito mais grave do que qualquer crime cometido contra o indivíduo, porque é um crime contra a sociedade, contra todos, e o indivíduo passa a ser um criminoso contra a sociedade comum e, portanto, merece as mais graves punições.

Os processos também são diferentes. Uma greve de um grupo, seria considerada como um ataque à sociedade e portanto teria que ser julgada imediatamente e rigidamente; o menos que poderia suceder aos grevistas era a sua deportação em massa para a Sibéria ou outras regiões longínquas, condenados a trabalhós forçados que, com a mudança do clima, auxiliaria a sua eliminação, a pouco e pouco. Se os estudantes de qualquer escola protestassem em conjunto ou fizessem uma greve, o que seria inconcebível nas repúblicas socialistas soviéticas, o menos que lhes poderia suceder era perderem a qualidade e vantagens de «estudantes» e passarem a «trabalhadores», mas muito longe do local onde tinham sido um exemplo grave de um crime cometido contra a *sociedade*.

Mas, ao mesmo tempo, organizam ou estimulam as greves e os protestos ruidosos, dos trabalhadores e dos estudantes ocidentais, dos quais muitos se transformam em vítimas das sugestões que receberam. É que essas greves e protestos fazem parte do plano de dissociação da sociedade organizada nesses países; é uma parte do plano de ataque futuro.

Mas o plano para os estudantes soviéticos consiste em os atrair; dando-lhes vantagens, mas *nunca permitindo qualquer desvio contra a disciplina local ou social*. Vamos, a seguir, ocupar-nos deste problema particular.

Dirigismo e selecção universitária

Na União Soviética, os institutos técnicos estão praticamente assimilados às faculdades universitárias. Mas a selecção dos candidatos é extremamente severa.

Não são admitidos os que foram reprovados. Os jovens soviéticos não podem, como os ocidentais, obrigar os pais a mantê-los nas escolas, a fim de renovarem, por uma ou mais vezes, os anos perdidos. No entanto, depois da selecção feita pelos testes pedagógicos, pelas aptidões profissionais e pelos exames escolares, os excluídos não são abandonados à sua sorte, à procura de um trabalho de acaso, como no Ocidente. O aluno «socializado» é sistematicamente dirigido para a ocupação profissional que os especialistas julgaram como sendo a mais adaptada à sua cons-

tuição física ou mental e o aluno não tem que concordar ou discordar, pois tem de se submeter à regra comum.

Neste caso, a liberdade de escolha é muito limitada mas, mais tarde, o jovem trabalhador, terá ainda a faculdade de seguir um curso nocturno, de ascender a novas situações susceptíveis de lhe dar novas qualificações, novos recursos. É admissível que um antigo motorista, possa chegar à profissão de médico, enquanto um médico, que foi classificado de inapto para a medicina, pode ser transferido para enfermeiro ou preparador de laboratório.

Uma colectividade, que tem por obrigação tomar, inteiramente, a formação técnica ou universitária dos jovens, não pode permitir-se a arriscar-se a obter resultados negativos, das despesas feitas, porque, por seu lado, tem o direito, de fazer descer de posto, as pessoas encarregadas de fazer as selecções.

Na Universidade, os lugares em famílias ou em alojamentos reservados aos jovens estudantes casados, são distribuídos em conformidade com o seu aproveitamento, enquanto os seus filhos serão recebidos em jardins da infância na própria localidade do estudo dos pais. Mas, no caso em que um aluno, durante a aprendizagem técnica ou um estudante, durante o curso, por excesso de trabalho ou por doença, for insuficiente para as obrigações a desempenhar será, naturalmente, sujeito a nova classificação, que irá orientar a sua situação para o futuro.

Em resumo, todo o cidadão que possa assegurar o *pleno rendimento* da sua vitalidade e da sua personalidade, e que possa ser diminuído pela doença ou idade, beneficia dos «deveres» que a sociedade colectiva assume para ele, como membro absoluto da colectividade. Mas, por seu turno, o beneficiário socializado não pode libertar-se individualmente da submissão que deve ao seu protector. A sociedade tem por dever assegurar a melhor formação da pessoa para obter um melhor rendimento para ela própria; não prevê, evidentemente, tomar a seu cargo alguma transformação extraordinária que qualquer pessoa isolada pode tentar correndo os seus riscos e perigos, mas por vezes também, com sucessos milagrosos, nos nossos países em que uma pessoa é livre para dirigir os seus esforços pessoais de trabalho e investigação.

Em absoluto, o sistema de «selecção dirigida» nos países socialistas, é mais justa e mais eficaz do que no Ocidente. Mas os jovens, sempre atentos ao que vem do Oriente, devem pensar que, por enquanto, sobretudo os que «gozam a vida», e os eternos mandriões, que são os mais prontos a mostrar a sua insatisfação e às vezes revolta, contra a organização política e social e, muitas vezes contra os pais, têm grandes vantagens neste sistema burguês ocidental. Ainda têm pais, ou fracos, ou comodistas, que lhes oferecem uma vida fácil de prazeres, sem obrigações, sem trabalho, que podem gozar à vontade. Aqui ainda há o direito de ser

mandrião, de atropelar os outros, comer bem e vestir bem, viajar, frequentar as praias nos domingos e terem as aventuras que quiserem. Mas pensem o que sucederia se a administração geral, os governos, exigissem mais do indivíduo, não dando aos alunos reprovados, o direito de continuarem a matricular-se, obrigando todos a terem uma profissão e reprimindo os excessos de alguns jovens que nada têm que fazer! No entanto, a justiça social exige que a nossa sociedade tome medidas, que limitem a liberdade dos pais e dos filhos, muitos destes vítimas da liberdade que lhes dão os pais, obrigando-os aos deveres que cada cidadão tem para com o seu país, estudando e trabalhando, para terem o direito de serem assistidos pela própria sociedade.

No próximo número estudaremos outros aspectos do problema da sociedade russa começando pelo «culto da personalidade», muito importante no sistema soviético, e terminando pelo «Estudo das metamorfoses da Europa Oriental e do seu futuro psicológico».

CURIOSIDADES

● O Chefe da Polícia aponta aquilo que os pais não devem fazer em relação aos filhos

— Não foi ironia nem sarcasmo o que levou o chefe da polícia de Houston, nos Estados Unidos, a elaborar um «comunicado» que mandou distribuir pelos 400 000 habitantes daquela cidade do Texas, «Comunicado» esse que desencadeou uma verdadeira tempestade e já deu volta à Europa, onde enfia à maravilha na cabeça de muita gente. Trata-se, digamos, dos 12 mandamentos da delinquência juvenil, originada pelos pais, mandamentos que infelizmente quase todos cumprem, sem meditar nas consequências a que conduzem.

Mandou, pois, o chefe da Town Police distribuir um folheto por todas as casas, folheto que começava por intitular: «Doze regras para criar filhos delinquentes». Vejamos os «mandamentos»:

1.º — Comecem logo da infância a dar ao vosso filho tudo o que ele quer. Dessa forma ele julgará, com o avançar dos anos, que o Mundo tem obrigação de mantê-lo.

2.º — Se acontece aprender um palavão, não liguem importância e riam mesmo. Isso o levará a julgar-se espirituoso e a orgulhar-se da proeza. Além disso terá o efeito de o estimular a captar e a usar frases sempre mais grosseiras, a ponto de vos pôr a cabeça em água.

3.º — De forma alguma pensem em dar-lhe uma educação religiosa e espiritual. Esperem pelo dia da maioridade para que, feitos os 21 anos, seja ele a fazer pessoalmente a sua escolha.

4.º — Evitem cuidadosamente usar expressões como estas: «erraste, andaste mal, isto não está bem». Estas frases, podem desenvolver no vosso filho um complexo de culpa. Mais tarde, quando for preso por furto de automóveis, a ignorância dessas frases induzi-lo-á a pensar que a sociedade não o vê com bons olhos e que não passa de um pobre perseguido.

5.º — Apanhem do chão tudo o que ele espalha, livros, sapatos e brinquedos. Façam sempre aquilo que lhe compete a ele fazer, de forma a habituá-lo a empurrar as suas responsabilidades para o próximo.

(Continua na Pág. 494)

A GRANDE INFLUÊNCIA DO PAPEL PSICOLÓGICO DO PAI NA FORMAÇÃO DO CARÁCTER DOS FILHOS

Durante muito tempo, foi ignorado o papel psicológico que o Pai tem sobre o desenvolvimento e futura formação emocional da criança.

Este problema foi últimamente estudado cuidadosamente nos Estados Unidos da América, em que ele é mais particularmente evidente, em virtude da emancipação precoce das mulheres e onde muitos homens, a pouco e pouco, se deixam dominar pelas esposas; realmente o homem, aparentemente mais forte, mas emocionalmente mais fácil de dominar do que a mulher, tem evoluído na América, de forma a muitas vezes passar a ocupar um lugar secundário no lar comum; no entanto o exemplo dado pelo Pai no «lar das famílias» é essencial para formar o destino e a independência emocional eventual do filho.

Este problema, influência do Pai sobre a da formação da psicologia infantil, foi estudado particularmente pelo *Dr. J. A. Merloo*, Professor de Psiquiatria, na Escola de Psiquiatria de New York e colaborador em psicologia social da «Escola para investigações sociais de New York». Por nos parecer de grande valor sobre a influência que o Pai tem sobre a formação da psicologia da criança, publicamos a seguir, um extracto dos seus estudos:

O papel psicológico do Pai

Tem sido estudado, sob vários aspectos, o papel da «mãe» sobre a formação emocional do carácter futuro do filho; no entanto a acção do «Pai» tem sido relegada para um segundo plano, apesar de ser fundamental.

Temos verificado que uma criança sofrerá, mentalmente e fisicamente, se a sua dependência da mãe for ameaçada na sua primeira idade pela morte ou pelo abandono pela mãe, que muitas vezes fica exageradamente reflectida na sua vida social ou profissional.

É inteiramente falsa a ideia de que a maior parte dos sentimentos de segurança da criança, derivam da mãe. Desde a primeira idade, o pai contribue para a harmonia familiar, pelo auxílio e protecção de que cerca a mãe, o que lhe dá a força e a segurança, que lhe é indispensável para se dedicar e adaptar ao recém-nascido, que não conhece e algumas vezes lhe é estranho, e que passa a constituir uma experiência, em que o marido lhe serve de apoio, e de guia.

Não insistiremos sobre o facto de um pai se esforçar muitas vezes para substituir a mãe, por causa do seu desejo de fazer os seus serviços, mais próprios da parte feminina no lar, nem sobre a rivalidade contra o filho, por a mãe passar a dedicar-se-lhe totalmente, sentindo e ferindo a susceptibilidade e o amor do marido, que sente que passa para um

segundo plano na afectividade da mulher. O que desejo é pôr em relevo a função psicológica de um «pai normal», que é uma «terceira pessoa capital» que se insinua no «duo mãe-filho».

O pai constitui a ponte de ligação com o vasto mundo exterior.

A primeira «transferência dos sentimentos» do bebé, da mãe para o pai, torna-se no modelo, o «prototipo da transferência» para numerosas relações sociais posteriores. A impressão memorial da primeira transferência das sensações emocionais, determina a direcção das próximas tentativas de relações e de possibilidades de «transferências». Isto é tão verdadeiro para as raparigas como para os rapazes.

Temos verificado que a influência precoce do pai é exercida através da mãe e exprime a via que a liga a ele, a quem sente como o «protector da família».

Se a mãe é uma nervosa e se sente perturbada nas suas relações com o filho, algumas vezes é o pai que é o principal responsável. Em um dos casos por mim observado, diz o Prof. Merloo, o pai sentiu todos os males-estares da maternidade e sofreu horrivelmente com o parto da mulher; depois sentia o desejo de se ser acarinhado e ser adormecido como o seu próprio filho, tornando-se assim o primeiro rival dele; passou a não mostrar amar a sua mulher, para quem ele passou a ser uma fonte de insegurança, o que se repercutiu no próprio filho.

A ligação dos pais com o filho, inicia-se com o seu nascimento. O facto da ausência do pai na ocasião do nascimento, pode ser prejudicial para a mãe. Depois, será difícil ao marido, o reclamar o seu lugar primacial, que foi ocupado durante o parto pelo parteiro, pelo médico da família ou pelo anestesista; nos primeiros momentos, o marido não é mais do que um visitante amigo, mas a mulher manifestará uma ternura especial pelo assistente, que ela sabe que compartilhou com ela, as preocupações daquelas horas tão difíceis.

Os partos com intervenção cirúrgica e a separação imediata do filho, prejudicam o começo da ligação «mãe-filho». Biologicamente falando, é sempre preferível que o filho comece a mamar a seguir ao nascimento, o que facilita a segregação do leite, a contracção do útero e a interacção da adaptação dos dois seres.

Na observação da psicanálise das jovens mães deprimidas, notamos sempre o complexo especial das mães que ficaram sós durante o trabalho do parto. Uma das doentes, uma jovem nevrótica, ficou loucamente apaixonada pelo assistente obstétrico; era uma nevrose típica, agravada pela solidão durante as horas do trabalho; revoltou-se contra o marido e durante muito tempo sentiu ainda uma certa repulsa contra ele, mas é incontestável que a criança sofre com esta disposição nervosa da mãe.

Os primeiros rudimentos do amor da mãe pelo seu filho devem ser reforçados pelo amor que ela sente pelo seu marido, o que reforça o amor

pelo filho. Uma mãe deprimida que teve o parto depois da morte do seu marido, só em casos raros não contaminará o seu bebé, muito sensível, com o seu desgosto.

É o pai que «corta» o cordão umbilical

Quando aqui falamos no «cordão umbilical», esta designação é conjugada apenas em sentido figurado.

Para a criança, nos primeiros meses da existência, os pais e a família constituem o seu universo. Quando o bebé na sua fase animal, em que o seu paraíso é o seio materno, passa a ser projectado para fora desta zona, sente a necessidade do calor da família, que não é mais do que uma extensão do calor da mãe. Mesmo que a criança tenha certas potencialidades inatas, o clima familiar afecta sempre a sua personalidade futura. Na família é a influência do pai que melhor modela a personalidade da criança e que determina se esta personalidade será ou não absorvida pela mãe.

Será a criança capaz de se liberar e de formar novas ligações? — Como já dissémos, o pai é a primeira pessoa que penetra na relação simbiótica da «mãe-filho». É o primeiro prototipo sobre quem a criança transfere os seus sentimentos de família, de prazer, de dependência ou de medo. É uma nova tentativa de inter-acção que nada tem que ver com a simbiose biológica; torna-se o modelo de condicionamento de cada relação ulterior e de todas as transferências. Sob o ponto de vista psicológico, é o pai que corta o *cordão-umbilical dos sentimentos afectivos*.

A experiência demonstra que as crianças que não têm do pai uma imagem, possuem diferenças de percepção nos brinquedos e são também mais passivas. O pai parece que auxilia a criança a libertar-se dos pensamentos puramente instintivos e de imagens inconscientes e a orientar-se progressivamente no mundo exterior. Pouco depois é o pai que permite à criança sair de si própria, para se olhar; «cortar o cordão umbilical» é o primeiro passo na escala da auto-observação no caminho a marchar até chegar a idade adulta.

O que se passa entre a mãe e o filho é uma acção puramente biológica, é uma comunicação directa com o seu inconsciente; esta comunicação subtil pré-verbal associa-se à necessidade de alimentação, de afeição e de cuidados maternos reclamados pela criança fraca.

Ao contrário do que se dá com os animais inferiores, o ser humano é de uma fraca constituição e resistência quando nasce e tem de atravessar um longo período da dependência, o que o obriga a apoiar-se sobre os membros da sua família e o torna muito sensível às suas influências.

O pai começa, desde o princípio, a auxiliar a criança a tomar a consciência de si mesma. Mais tarde, insensivelmente, vai afastando-a da mão da mãe e vai ensinando-a a alargar o seu horizonte social. Supri-

mindo a estreiteza dos laços que unem a criança à mãe, o pai faz muito mais do que qualquer parteiro, para cortar a necessidade da dependência física da mãe.

Em várias ilhas do Pacífico, a poligamia caracteriza-se pelo papel essencial da mãe na família; não é raro que o pai seja desconhecido ou desapareça durante alguns anos; nestes casos é muito mais difícil para a criança a separação dos laços familiares, do que nos países em que se pratica a monogamia. O pai simboliza a liberação do indivíduo em relação ao grupo.

A criança pequena considera o pai como um gigante e procura parecer-se com ele, tornar-se seu amigo e passar a pensar como ele; enquanto o não consegue, afirma-o aos outros para assim procurar conseguir mais forte personalidade. Além disso, a criança deseja receber do seu pai muita amizade para que possa amá-lo, tanto como ama a sua mãe, visto ter pelo pai uma grande admiração; este desejo no entanto não chegará a ser atingido por completo, porque na primeira infância o filho nunca chegará a receber do pai quaisquer sentimentos que se pareçam com a ternura e dedicação que recebe da mãe.

Um pai deve, como a mãe, procurar alimentar o filho e ter todos os cuidados com ele, para que ele possa começar a sentir confiança nesta terceira pessoa que entrou no seu mundo. Da mesma forma, porque o pai intervém na sua educação é muito aconselhável que a criança se vá desenvolvendo em um clima conjugal sereno; isto tem muita influência sobre o futuro carácter e sensibilidade, pois que as desavenças conjugais dos pais, impressionam grandemente os filhos, mesmo além da puberdade.

Na fase da sua formação psicológica, como é que uma criança se poderá identificar com os seus pais, como deseja, se eles estão constantemente a questionar-se? — O corte do cordão umbilical pelo pai, é muito importante, se for feito, antes de se exigir da criança o esforço da disciplina. Ora é no primeiro ano pré-verbal, que começam a formar-se os sentimentos, pois a transmissão dos sentimentos dos pais é muito fácil nesta idade.

As considerações que temos feito até aqui evidenciam a importância que a primeira idade tem na construção do carácter futuro da criança, o que frequentemente é desconhecido ou menos considerado pelos pais. Como o problema tem muito interesse, continuaremos a desenvolvê-lo num próximo artigo em que estudaremos outros aspectos, entre os quais os seguintes: — «Um pai que coloca a ternura muito acima da educação, falta aos seus deveres» — «A predominância psicológica do pai, tanto pode ser uma bênção, como um desastre» (a herança das psicoses) e «Nenhuma mãe, quer seja ou não dominadora, poderá inculcar a virilidade ao seu filho».

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E A PSICOLOGIA DINÂMICA

A « FÍSICO - PSICOLOGIA E AS SUAS RELAÇÕES COM A SOCIOLOGIA

III

Já explicámos nos dois artigos anteriores que os últimos estudos sobre a mecânica da memória são bastante complexos e exigem, para a sua compreensão, conhecimentos de anatomia e de fisiologia do cérebro e de fluxos eléctricos e electrónicos, pois que a mecânica da fisiologia cerebral é de alta complexidade.

Nos dois artigos anteriores, estudámos as «Bases físico-químicas da memória», «Físico-Psicologia da Linguagem» e as «Blocagens e transformações psicogéneas — A *Intuição* —. Vamos continuar este estudo, que é altamente interessante, mas complexo.

A codificação dos influxos nervosos **Exemplo do «processo fotogéneo»**

Sabemos que o fluxo nervoso se pode apresentar, em diferentes «registos mentais», que são, por exemplo, as «cronaxias específicas a diferentes grupos musculares funcionais. Estas «cronaxias» têm entre si relações matemáticas simples, que podem ser modificadas nas doenças dos músculos.

Mas os fisiopsicólogos têm-se sempre interrogado sobre a natureza das modulações destes fluxos, de que a diferenciação permite à zona consciente do cérebro, reconstituir uma grande quantidade de impressões.

Um dos problemas mais característicos é o que põe a explicação da diversidade das cores, a partir dos receptores sensíveis aos diversos comprimentos de ondas de raios luminosos absorvidos por pigmentos específicos, pois como se sabe as diferentes cores não são mais do que diferentes números de vibrações, que vão do azul escuro até ao vermelho vivo, a que corresponde o maior número de vibrações; a partir do azul escuro para baixo, o número de vibrações só produz som.

Tomemos, em primeiro lugar, o fenómeno fotogénico mais simplificado, o dos «bastonetes», especializado na visão nocturna: — Uma quantidade determinada de «fotons», representando uma certa quantidade de energia electromagnética em um tempo dado (uma unidade fotogénea equivale a 20.000 fotons) é absorvida pelo pigmento «rodopsina» e destrói-o (*Hecht*); a terminação nervosa do bastonete em nada

fica impressionada. O que vai excitar o neurone e as terminais das zonas conscientes do cérebro é, não o impacto dos *fotons*, mas sim o trabalho de reconstituição química do pigmento destruído.

Como atrás dissemos, este estudo é árduo e difícil, até na compreensão, mas não temos outra maneira mais fácil de o explicar...

Sabemos que existe um tempo de *lactência*, entre o instante da recepção de um «flash» (que deve ter durado, pelo menos 1/500 de segundo, para ser integrado) e o momento em que a consciência é avisada da existência deste fenómeno (período que pode ir desde 1/200 a 1/10 de segundo). Enfim, enquanto o «flash» não durou objectivamente mais do que alguns centéssimos de segundo, a permanência da sua imagem não é inferior a 1/25 de segundo e pode prolongar-se durante alguns minutos (sensação permanente e consecutiva). A imagem é subjectivamente mentalizada durante todo o tempo que durar o processo da síntese química renovadora do pigmento queimado.

A renovação química opera-se espontâneamente na retina, de forma que uma certa luz granulada e cintilante está sempre a ser fabricada (e percebida na obscuridade), fenómeno igualmente provocado e reforçado, por excitantes não luminosos (pressão do dedo sobre o globo ocular, correntes eléctricas, intoxicações, etc.). É a produção dos fosfenos que prova a teoria de *Max Muller* sobre a especificidade da condução nervosa: — «Os diversos excitantes dão as mesmas sensações, se forem aplicados no mesmo órgão».

Facto cumulativo na excitação neurotónica

Sabemos, pelo que respeita aos «bastonetes» e aos cones periféricos à mancha amarela, que as excitações de muitas células, acumulam-se, por grupos, em um único neurone correspondente (o que dá uma ambliopia no campo da orientação); só os cones da zona central da retina têm, cada um, a sua linha privada de transmissão ao cérebro.

Ora, seja qual for o ritmo de absorpção das imagens recebidas, é na ocasião em que a soma quantitativa delas atinge a quantidade mínima necessária para a destruição do pigmento, que o neurone se torna sensível para reconstituição desse pigmento. Se todo o pigmento for destruído por um *flash* luminoso muito intenso, os neurones transmitem a longa reparação desta queimadura, mas as outras imagens luminosas posteriores, que já não têm pigmento para destruir, já não podem ser registadas. Diz-se então que «a vista fugiu e ainda não voltou completamente». Basta um ligeiro momento para que o bastonete possa reconstituir a rodopsina decomposta por uma unidade fotogénea (20 000 fotons), de maneira que, graças às acumulações que se foram fazendo, o equilíbrio se instaura na visão crespuscular quando 20 % do pigmento fica

destruído; mas uma intensidade luminosa igual ou superior a 100 unidades, satura a decomposição da rodopsina a 90 %, de maneira que basta meia hora de repouso para se recobrar a sua eficácia.

A recepção é então regrada por um trabalho pigmentar dos cones, de que a saturação, isto é, a confusão até à perda momentânea da visão, tolera uma intensidade de muitos milhares de vezes superior à unidade fotogénea.

O que interessa o fisio-psicólogo é que o fluxo nervoso que comunica às zonas conscientes do cérebro que se está realizando uma «reconstituição pigmentar», que esta zona traduz pela «ideia da luz», pode ter diversas intensidades, desde a mais sombria até a uma luminosidade que pode ser traumatizante.

Esta intensidade subjectiva está, naturalmente, ligada à qualidade da corrente nervosa que vamos estudar a seguir.

E, como este artigo, que não é muito longo, como exposição, mas demasiadamente concentrado na exposição de uma tese, nova, trabalhosa, sobre um problema tão importante, como o da visão, que, por seu turno, é apenas um factor no estudo sobre a memória, cuja amplidão é larguíssima, vamos dar ao leitor um pouco de repouso mental que poderá ser aplicado no estudo de problemas mais correntes para, num próximo número, desenvolvermos, o estudo sobre a *corrente nervosa binária*, começando pelos estudos dos cientistas russos sobre a sensibilidade ou a não-sensibilidade dos animais à mudança das cores.

CURIOSIDADES

(Continuação da Pág. 487)

6.º — Deixem-lhe ler tudo o que lhe caia às mãos. Tenham o máximo cuidado em esterilizar os talheres e os copos mas deixem que a sua mente se nutra de imunídios (quer dizer, não vigiem o alimento de que se nutre a sua mente).

7.º — Discutam frequentemente na presença dos vossos filhos. Assim já não terão bruscas surpresas e desilusões atrozés quando o vosso casamento acabar no divórcio, e a vossa família se desfizer.

8.º — Dêem ao vosso filho todo o dinheiro que ele pedir, e sobretudo evitem que ele aprenda a maneira de o ganhar pelo seu trabalho. Para que tornar-lhe a vida difícil a fazer-lhe experimentar a dura existência vivida pelos pais?

9.º — Satisfaçam todos os seus desejos no que diz respeito a comidas, bebidas e vida confortável. Não o privem de ter a mais completa vida amorosa. Dessa forma não lhe causam humilhações nem frustrações prejudiciais.

10.º — Defendam-no sempre abertamente, pondo-se da parte dele quer perante a Polícia, quer perante os professores da escola ou mesmo os vizinhos. É tudo gente que só pretende embirrar com o vosso filho...

11.º — Quando ele se mete nalguma e tens de responder perante a justiça, descarreguem a vossa consciência dizendo: «Nunca consegui ter mão nele».

12.º — Preparem-se para um calvário de dor. Porque terão muito que suportar. Como se vê, trata-se de um corajoso documento, que redundará na mais desapiedada acusação contra a educação dada pela maioria dos pais americanos (e de todo o mundo também) aos seus filhos. Uns por ignorância, outros por negligência, outros ainda por comodismo. (Do *Diário de Notícia* de 24-4-1960.)

Patologia social

PROBLEMAS DAS JUVENTUDES

A CRIAÇÃO, FRUSTADA, DE UM NOVO «PAÍS HIPPY»

(Conclusão)

Principiámos por estudar, no artigo anterior, este complexo problema, que após atingir os jovens, as suas famílias e educadores e acaba por fim, por interessar os psicólogos e políticos que têm a seu cargo a protecção dos cidadãos e a ordem pública.

Vimos o paralelo que há entre as doenças patológicas do homem e as doenças sociais; e estudámos o paralelismo da acção terapêutica, principiando pelo estudo dos «antecedentes», pela situação actual e pelo prognóstico possível. Vamos agora procurar o possível «tratamento», sobre o qual poderá incidir controvérsia; o que pretendemos é que os psicólogos e responsáveis, educadores e políticos, se debrucem sobre este importante problema, de forma a encontrar-lhe uma solução ou um plano de soluções úteis.

Depois estudaremos o caso de loucura social colectiva que, depois de outros que têm chocado a opinião dos vários países, foi seguido de um insucesso, o qual foi o projecto da instituição de um «País Hippy».

Tratamento possível da doença social a que nos referimos anteriormente

Quanto mais grave é a doença, mais enérgico tem de ser o tratamento e, a princípio, o «médico social» não pode permitir ao doente, que se afaste do regime imposto, para salvar a sua vida e o seu «bem-estar».

Perante o perigo que já existe, tem de se usar de medidas profiláticas bem ordenadas, principiando por estabelecer regras de defesa, inflexíveis pelo que respeita aos fins a obter. Tem que se proceder, semelhantemente ao ataque a uma epidemia que ameaça a nossa vida actual e, sobretudo, dos nossos filhos e dos filhos dos nossos filhos.

Têm portanto de se estudar, os sociólogos e os psicólogos, o plano a estabelecer.

Tem de se tomar consciência dos factos e dar publicidade às razões por que se vão estabelecer essas medidas de defesa.

Quando se estudarem as regras a estabelecer, terão igualmente de estudar as que terão de ser impostas aos pais e educadores e terão que se estabelecer as «penalidades contra as transgressões», que não poderão deixar de ser punidas com rigor.

Além das regras para pais e filhos, tem de ser atacada com vigor, igualmente a acção dos «grupos».

Os indivíduos, em quem as primeiras medidas não conseguiram obter resultados, serão considerados como doentes, que terão de ser internados em casas de reeducação, com assistentes especializados, tendo sempre qualquer ocupação disciplinar e, simultaneamente, aulas teóricas e aulas práticas. A detenção poderá mesmo prolongar-se muito e pode, ir, num caso mais grave, até ao afastamento do local ou da região, para que a influência do meio, particularmente da família e dos amigos, não prejudique o tratamento. O desejo de voltar à vida normal e o receio de «novo período de tratamento», são os melhores incentivos para se conseguir as melhoras e mesmo a cura...

Terão de se estabelecer novas regras de responsabilidade. — As legislações actuais admitem regras e penalidades diferentes, para os menores e para os que já atingiram a maioridade. Actualmente os pais não têm já qualquer responsabilidade nos delitos dos filhos, praticados depois da maioridade.

No entanto, mesmo depois de atingirem esse período, muitos deles, ao protegerem os seus próprios filhos ou o «bom nome da família», tomam para si, voluntariamente, parte das responsabilidades, pagando os prejuízos causados e criando assim neles o espírito da irresponsabilidade, o que representa para estes a convicção de que podem continuar a praticar aquilo a que chamam «loucuras de rapazes», de que se orgulham perante os amigos, sem constrangimentos, porque os pais pagarão tudo. Esta atitude dos pais, tem como resultado, criar nos filhos um certo sentido de irresponsabilidade, contrariando a sua educação e a formação da personalidade. Por outro lado, tornam-se solidários com eles nas responsabilidades e, como coniventes, devem também ser condenados.

Até que ponto são os pais ou os filhos, responsáveis pelos actos praticados? É o que se tem de definir e pôr em evidência na futura legislação

Tem-se abusado da frase «A culpa é toda dos pais!» — Ora esta concepção, tendente a irresponsabilizar os filhos é um incentivo de desculpa, convidativo para novos desmandos e é injusta. Se algumas vezes a atitude de pais se reflecte, por culpa sua, nas acções dos filhos, são também inúmeros os pais, pessoas honradas, respeitáveis, de uma perfeita solidez moral, em quem os filhos, excessivamente acarinhados, causam desgostos profundos, que frequentemente inutilizam a felicidade dos pais

e da família, que se envergonham dos crimes ou faltas dos filhos; há mesmo pais que são roubados, maltratados a quem os desgostos provocam doenças que lhes abreviam a vida. Temos também de considerar a situação dos filhos, cuja responsabilidade fica diminuída, pela culpa dos pais, que os educaram mal ou contribuíram, pela acção ou pelo exemplo, para a formação moral dos filhos. Vamos, pois responder à pergunta que antecedeu este período.

Responsabilidade dos pais — Pode ter várias causas: — O carinho excessivo, a fraqueza perante o seu filho, o excesso de orgulho pelo seu «rebento», que faz com que o filho seja considerado como uma entidade excepcional, de uma inteligência, aptidões e, frequentemente, beleza física, acima dos outros; opinião que cria uma entidade imaginária, como só os pais os vêem, que se traduz em desculpa antecipada para qualquer «pecadilho», que o pai tem tendência para diminuir e para perdoar.

Ora as crianças estudam muito mais os pais, do que estes estudam os filhos. As crianças, sendo mais fracas fisicamente, estudam desde a primeira idade as fraquezas dos pais, cujo reconhecimento lhes dá uma grande satisfação, porque se servem dessas fraquezas para os atacarem e vencerem. Quando pequeninas, as crianças utilizam-se do choro ou amúo, para que os pais cedam aos seus desejos ou caprichos e, quando vêem que os pais cedem ou perdoam, passam a ter uma arma, que utilizam, sob os mais diversos aspectos.

Mais tarde, o queixarem-se de mal-estar, de fraqueza, de excesso de trabalho nos estudos ou de fadiga nos exercícios; são os argumentos a usar, quase sempre com resultado.

Vai-se assim criando uma situação de força dos filhos e de fraqueza dos pais que, se não for contrariada, transforma a psicologia de uns e dos outros e o equilíbrio na educação e na consideração dos filhos pelos pais.

Há outro aspecto, além da «fraqueza dos pais», que é o do «desinteresse», por comodidade dos pais.

Muitos pais, sobrecarregados com afazeres, quando voltam a casa, estão fatigados e sem a disposição necessária para desempenharem a sua função de educar, aconselhar ou julgar e premiar ou castigar. Por comodidade entregam essas funções à mãe, sempre muito mais fraca e, a pouco e pouco, por comodidade, vão-se demitindo do seu papel de educador, transferindo-o para a mãe, que passa a ser a «vítima» do filho, procurando encobrir-lhe as faltas, para que o pai não as conheça e robustecendo assim a inadaptação do filho, para os deveres escolares, familiares e sociais e mais tarde, contribuindo para destruir o seu futuro.

Estes são alguns dos deveres dos pais; quanto menos os cumprirem, menos considerados e respeitados serão pelos filhos! Um pai, não tem

o direito de se demitir dos seus deveres de pai; se os não cumprirem, são responsáveis, moral e juridicamente.

Há outro aspecto muito importante que aumenta muito as responsabilidades dos pais ricos, ou que os filhos supõem que sejam ricos. — Os filhos dos pais pobres, verificam como os pais têm de trabalhar para que possam vestir-se, alimentar-se, comprar algum móvel, enfim para conseguirem ganhar o suficiente para manterem a família e sabem, quando dispensam o trabalho do filho, para este ir à escola, que isso é feito com o sacrifício do trabalho em família e com o desejo de o filho poder conseguir obter uma situação que lhe torne a vida mais fácil e uma elevação da sua condição social. — Os filhos dos pais remediados, com maiores ou menores proventos, verificam como os pais têm de trabalhar para conseguir facilidades de vida, individuais e da mulher e dos filhos e manter os filhos nos estudos, sacrificando para tudo isso, alguns dos benefícios que poderiam obter com o dinheiro que ganham; vêem como em casa se fazem projectos para a compra de uma mobília nova, de um rádio, de televisão, de uma máquina de lavar, etc. ou o que é necessário poupar para ir para uma praia, umas termas ou uma viagem necessária ou de recreio. E tudo isto é discutido pelos pais, à mesa, em convivência com os filhos, o que representa sessões de educação.

Os pais ricos, começam por estes não se incomodarem que os filhos estraguem os brinquedos, mesmo caros e, a propósito dos aniversários ou de algum exame, entendem que têm o dever de lhe oferecer uma recompensa, não considerando o estudo, como um dever para conquistar um futuro. Chegam muitas vezes, quando os filhos ficam reprovados e se mostram abatidos, a procurar consolá-los, aceitando a desculpa, que a culpa é dos professores, que não cumprem, não os preparam, são desleixados, etc. — Os filhos, que já transmitiram a culpa para os professores, mas que se sentem ainda humilhados, por um irmão, um primo, um amigo, terem tido boas classificações, aumentam o seu estado de aparente tristeza. Muitos pais que facilitaram durante todo o ano, as suas idas para os cinemas, os clubes, dando-lhes dinheiro para todas as festas e outros prazeres, vendo-os desgostosos, quando falam com os pais, às refeições, com o fim de os distrair, oferecem-lhe um passeio, uma viagem ao estrangeiro, ou um automóvel...

Vão assim criando uma mentalidade especial e pensam: — O que devem é «aproveitar o tempo»; «não é quando forem velhos que se devem distrair»; «os pais não devem ser avaros»; «é durante a vida que lhes devem dar o dinheiro de que precisam e não ser preciso que morram, para o receber». E com a repetição destas falsas máximas vão-se inadaptando ao dever de trabalhar e de preparar o futuro; pensam que o pai é suficientemente rico para que eles possam gozar a vida; quando morrer, eles terão o dinheiro que eles, *erradamente*, aferrolharam.

Verifica-se portanto sobre que base errónea, se vai estabilizando a moral errada do filho. Quando amanhã se virem obrigados a trabalhar, não estão preparados para isso, e muitas vezes começarão a recorrer aos expedientes contra a moral e por vezes caindo, por faltas, nos domínios da polícia.

Os pais, sem dúvida, tiveram responsabilidades na formação moral dos filhos e na sua preparação para a vida; se eles lhes provocaram desgostos mereceram-os, sobretudo se na sua vida particular só lhes derem motivos para os não respeitarem nem considerarem. É frequente eles acusarem os pais fracos ou comodistas do mal que os educaram, com vista ao seu futuro; e muitos, responsabilizando-os não lhes perdoarão, durante toda a vida, o mal que lhes causaram. E, infelizmente, têm razão quase sempre.

Qual será a atitude que os educadores, os sociólogos e os representantes da autoridade, moral e socialmente, têm de tomar?

A nosso ver, têm de desenvolver uma intensa campanha, para esclarecer bem a situação, em face do indivíduo e da sociedade, procurando a colaboração da imprensa e todos os meios de difusão, especialmente da rádio e da televisão, cuja acção tem contribuído muito para esta deseducação. Por outro lado, tem de se estabelecer um plano de profilaxia, começando por aconselhar, primeiramente e, depois, por estabelecer medidas de repressão contra os delinquentes e contra os grupos e estabelecer as responsabilidades dos pais ou educadores que não colaborem no plano.

Deve estabelecer-se mesmo a detenção, tanto mais prolongada quanto mais elevada for a situação social da família, com multas, que os pais terão de pagar, ou de prisão remível a dinheiro para os que já tiverem maioridade; nos casos de reincidência, as penas devem ser agravadas e os nomes dos delinquentes devem ser publicados nos jornais. Os que usem de estupefacientes devem ser sujeitos a investigação para prisão dos vendedores e, além disso, a tratamento com detenção. A lei deve prever a aplicação de uma pena de multa aos pais que tendo conhecimento das atitudes dos filhos, não tenham actuado para procurar afastá-los; são estes, incontestavelmente, também culpados e portanto devem ser castigados como responsáveis.

O problema é difícil, mas tem de ser estudado.

A tentativa «falhada» para a organização de um novo «País Hippy»

Para se avaliar da gravidade que estes grupos representam, como anti-sociais e anti-morais e indicador da extensão que têm tido e do

perigo que eles representam para si próprios e para a sociedade, transcrevemos um artigo, bastante educidativo, do Sr. Dr. Fernando Frago, publicado no *Diário de Notícias* de 11 de Fevereiro de 1968, sob o nome de «Os peregrinos de Katmandu»:

«Era uma invasão estranha e silenciosa. Homens e mulheres, vestidos de forma idêntica, cabeleiras ao vento, longos colares guizalhantes, seguiam descalços pelos caminhos que iam dar a Katmandu, nos contrafortes do Himalaia. À primeira vista, dir-se-iam sujos e lazarentos peregrinos vindos da Índia ou do Tibete para orar nos templos budistas da Cidade Santa.

Porém, quem atentasse no grupo, depressa veria que se tratava de indivíduos de tez branca; eles, de barbas hirsutas, o aspecto inquietante de salteadores de estrada; elas, esqueléticas e desmazeladas, rostos emolurados por melenas de azeviche ou loiras madeixas de valquírias. Vinham de longe, da Europa e da Califórnia, em busca da terra prometida. O paraíso que buscavam situava-se precisamente na aldeia de Khulikhel, a vinte cinco quilómetros da sede do Governo do Nepal. Era ali que estes pioneiros de um novo mundo e de uma nova era tencionavam fundar a capital do primeiro Estado Livre «Hippy» — o «País das Flores»...

A ideia germinara tempos antes no já famoso bairro de Haight Ashbury, em San Francisco, onde vivem mais de 60 000 «hippies». Em reuniões anteriores, talvez com o propósito de irritar o indígena, havia-se reclamado o «poder florido», com a mesma desenvoltura com que certos «leaders» racistas clamam pelo «poder negro». Era preciso estabelecer algures, aventavam outros, uma espécie de governo «hippy» no exílio... Mas ninguém tomava a sério a reivindicação. E a circunstância de os membros da tribo oporem à ordem estabelecida apenas flores e sorrisos relegou a hipótese de não dar quaisquer preocupações aos governantes.

Os «hippies» encontraram, porém, um Mecenas, um tal Lee Hitcher, entusiasta do movimento, tão rico como desvairado, que pôs os seus milhões ao serviço da ideia. E com a tropa fandanga dos aderentes, investido do título de «rei» destes novos mendigos do pátio dos milagres, o californiano, fez de Katmandu o Xangri-La da seita. O reduto estaria protegido da contaminação do mundo pelas montanhas e pelas neves eternas, como a cidade mística de «Horizontes Perdidos». Ali, onde mergulham as raízes da sabedoria hindu, poderiam meditar nos textos sagrados e buscar neles a receita da felicidade terrena.

Com o dinheiro do Tio Sam-Hitcher as dificuldades aplanaram-se e os viandantes idos da América, da Austrália e dos países escandinavos reunidos a poucos quilómetros do destino, demandaram Khulikhel, investidos da pesada responsabilidade de fundar a sede do «país das flores».

Rezam as crónicas não ter sido sem surpresa que os habitantes locais assistiram à chegada da caravana. Tolerantes e generosos, não hostilizaram os vagabundos. Informados dos objectivos da viagem não se

opuseram, do mesmo modo, a que armassem suas tendas, convencidos de que meia dúzia de barracas e algumas dezenas de forasteiros não afetariam o equilíbrio da comunidade.

Enganaram-se. Os primeiros desaguisados surgiram quando os estrangeiros pretenderam pagar a mercadoria aos nativos com braçadas de flores silvestres, que qualquer deles poderia colher ao pé da porta. Embora pouco evoluídos sob muitos aspectos, os aldeões não conseguiram entender que um quilo de arroz valesse apenas uma ramo de singelas flores do campo — e compreenderam ainda menos que, formulado o protesto, os compradores fizessem ouvidos de mercador... Ignoravam, em sua ingenuidade, o desprezo dos recém-vindos pelo dinheiro e a má-criação proverbial que os leva a mandar os interlocutores para o diabo, ou para outras companhias tão incômodas e desagradáveis — sempre que a conversa não lhes corre de feição.

Daí em diante, o desencanto instalou-se entre os pacíficos habitantes de Khulikhel. Com a sem-cerimónia que os caracteriza e o insólito sentido colectivista que apregoam — o que é teu e meu ou o que é teu é nosso... — os cidadãos do «país das flores» fizeram mão-baixa sobre os objectos de que careciam, invadindo a propriedade alheia. E, não contentes com isso, deram-se ao escândalo público, modelando o barro e enchendo o acampamento de esculturas obscenas e eróticas. O mal agravou-se. A guerra que os porto-riquenhos haviam movido em Nova Iorque aos famigerados adeptos da seita, ia prolongar-se, por idênticos motivos, a milhares de quilómetros de distância, naquela pacífica aldeia onde os intrusos acabavam de instalar-se.

Dia a dia, avolumaram-se as razões de queixa. Os locais descobriram com espanto que, na colónia «hippy», as mulheres não pertenciam ao marido — eram uma espécie de bem público. E quando viram os apóstolos da nova moral praticar actos amorosos ao ar livre impudicamente com a maior naturalidade, a indignação subiu ao rubro e a revolta estalou. A aldeia pôs fora os indesejáveis. E não lhes bateu apenas com flores...

«Quando partiram — comentou a patriarca Harkha Sainju — foi preciso um sacerdote purificar as águas onde eles costumavam banhar-se» — poucas vezes, valha a verdade...

A cavalo nos dólares do «rei» da Califórnia, os «hippies» regressaram ao ponto de partida, à promiscuidade dos seus pardieiros, ao sol e às moscas, à droga e à vadiagem — à selva das grandes metrópoles, onde os toleram e os aceitam, os tomam a sério.

A falhada aventura de Katmandu traduz mais uma reacção de desagrado em que estão a incorrer os lamentáveis pregadores da idade nova. Com efeito, ultimamente, e em pouco tempo, operou-se em relação a estes párias uma mutação completa da opinião pública.

Até aqui, mesmo na América, onde o movimento atingiu maior importância, havia a tendência para julgar com benevolência a desorientação dos jovens e faziam-se porfiados esforços para procurar entender os fundamentos da sua filosofia. Eles seriam apenas, segundo alguns, as vítimas inocentes de uma civilização materialista, competitiva — a civilização da conta no banco, do automóvel, do fim de semana e do enfarte do miocárdio...

«A mocidade americana tem tudo — afirmou Roberto Kennedy — mas falta-lhe o essencial». O essencial, proclamam os «hippies», é tempo para amar e para viver, sem a avilante subordinação à sociedade e à moral estabelecidas.

Simplesmente, os rapazes e as raparigas do «país das flores» exageraram. A droga fez em pouco tempo terríveis devastações. Alguns crimes cometidos sob a acção do LSD horrorizaram a América. A próprio Inglaterra proibiu dois filmes «psicanaléticos». Por outro lado, a maré continua a subir. Calcula-se em 500 000, só na América, o número de adolescentes fugidos do lar e que ingressaram no nomadismo destes seres inúteis. Por muito grande que seja o país, o número impressiona e cria preocupações à escala nacional.

Os conformistas, os passa-culpas, os que aplaudem indiscriminadamente todos os desatinos da mocidade, para não alienar uma clientela influente e poderosa (e que são tão nefastos, afinal, como aqueles que criticam e censuram os jovens, por tudo e por nada, julgando-se melhores do que eles) — os passa-culpas e os conformistas, dizíamos, também começam a arrepender-se da luz verde dada a um movimento que reduz o ser humano a um farrapo e proclama o caos como regra de viver.

No fim do ano transacto Richard L. Tavern, professor de Sociologia da Universidade de Boston, declarou: «Se a vaga *hippy* continuar a sua obra destruidora, daqui por dez anos falar-se-á dela como uma catástrofe nacional. Por agora, e já, é um fenómeno extremamente desagradável, que atinge a nação americana no que ela tem de mais precioso — a sua juventude».

Emett Grogan, personagem influente dos inadaptados de S. Francisco, anunciou a intensificação na Europa da campanha «hippy». Um milionário americano emprestar-lhe-á um iate. Durante a Primavera próxima, Grogan irá, de porto em porto, num cruzeiro de propaganda, com uma tripulação de fanáticos. Largando uns aqui, embarcando outro acolá, espera aumentar substancialmente o número de prosélitos no Velho Continente.

Como deverão ser recebidos estes candongueiros de doutrinas adulteradas? Até há pouco, ainda poderia haver dúvidas. Mas agora a malograda aventura do Katmandu aponta um caminho... A sociedade, como o ser humano, não aceita certas transplantações. Rejeita os corpos estra-

nhos, ao fim de algum tempo. No caso dos «hippies», em obediência a um fenómeno irreversível de higiene social.

Não devemos serrar, ao ler estas «extravagâncias» ou «excentricidades» da juventude, depois de lermos este artigo do Sr. Dr. Fernando Fragoso. Devemos debruçarmo-nos sobre o problema que nos apresenta e como atrás dissemos, em vista a um perigo que se aproxima, uma «doença social» que é necessário combater por meio de uma terapêutica enérgica, para assim defendermos a sociedade em que vivemos e, principalmente aquela em que os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos terão de viver.

A INFLUÊNCIA DOS RUÍDOS SOBRE O ORGANISMO E A HIGIENE MENTAL

Os ruídos, especialmente a voz humana, obrigam à atenção, em menor ou maior grau; se o ruído continua a aumentar, a defesa do organismo obriga a procurar o silêncio. Esta é a sucessão normal dos factos, que despertam a atenção; inutilizando o repouso ou a concentração do espírito e cuja repetição, sobretudo exagerada, pode atingir o sistema nervoso.

Ora, actualmente, estamos de tal forma envolvidos por uma variedade e discordância de sonoridades, quer do movimento geral quer dos instrumentos da técnica das várias profissões que ficamos surpreendidos quando a este ruído, que passou a ser quase normal, se segue um período brusco de silêncio.

Os estudos da influência dos ruídos sobre o organismo têm sido feitos, em vários locais e estão preocupando muitos cientistas. O Professor Merloo, de psiquiatria na Escola «Social de Investigações Psicológicas» de Nova Iorque, resumiu os estudos actuais em um artigo publicado na Revista de Medicina e Higiene, de Lausanne de 10 de Abril de 1968, do qual transcrevemos alguns períodos:

Desde os tempos mais recuados, houve sempre eremitas que, por virtude, se resolveram a viver isolados e em uma quietação livremente consentida; a contrastar, pode opor-se a esta atitude, a vida dos prisioneiros, em quem a incarceration produz psicoses e a situação das pessoas que, por razões várias, passaram a viver afastadas das relações sociais e dos contactos com a vida real.

É quase impossível hoje viver à parte dos factos e ruídos que nos envolvem, desde todas as variedades do tráfego, camiões, autobus, comboios, carros eléctricos, com as suas trepidações e ruídos variados e, além disso, os ruídos dos pilões das picaretas, das perfuradoras, dos prédios em construção, etc. e ainda os ruídos da rádio, que alguns entu-

siastas querem que todos oiçam que eles são possuidores de um desses instrumentos, enchendo-nos os ouvidos e mergulhando-nos em uma onda de sujeições auditivas.

Esta sonoridade exagerada opõe-se aos fenómenos criadores que são a concentração do espírito, a memorização ou a recordação. O ruído impede a concentração necessária para recordar o passado, recordação que às vezes é muito útil para se tomarem resoluções sobre o futuro e mesmo sobre qualquer acto presente; ficamos reduzidos a acções rápidas e em geral de pequena amplitude.

O ruído representa uma tirania sobre o espírito; o telefone obriga-nos frequentemente a atender mensagens, que poderiam esperar e a ver-nos obrigados a tomar resoluções, quando estamos a trabalhar em qualquer projecto que necessita de raciocínio demorado; as crianças pequenas têm disso a noção por observação e procuram frequentemente interpor-se quando a mãe ou o pai é chamado ao telefone.

O ambiente da música em um restaurante impede uma conversação interessante, entrava a comunicação humana e, durante as refeições, entrava a digestão. A medicina ainda não estendeu a influência do ruído nas funções pépticas e antipépticas, o que seria um estudo aliciante.

Os ruídos impedem a associação das ideias. Conclui-se facilmente acerca do prejuízo que o ruído causa nas grandes cidades e particularmente nas ruas de grande movimento; toda a cidade ressoa e vibra com os sons das passagens dos automóveis e das buzinas, com as sireias gritantes das ambulâncias, que nos impressionam por vezes angustiosamente, com o ruído dos aviões; esta soma de ruídos impede o raciocínio cuidadoso e liberta frequentemente reflexa nervosos que desejaríamos controlar.

Os rangidos, os atritos repetidos podem tornar-se insoportáveis; podem irritar-nos e quando súbitos, podem fazer-nos tremer e eriçar os cabelos; os músculos, os vasos e o coração contraem-se; há pessoas que não toleram o ruído do aspirador e cada pessoa tem a sua especial tolerância para cada ruído e uma alegria para alguns; conhecemos pessoas que ganharam uma intolerância especial para as vozes em falsete dos anúncios da televisão. A hereditariedade e o meio familiar influem para a criação destas intolerâncias.

Hoje, até nos nossos quartos, que são destinados para o nosso repouso, nos excitamos quando ouvimos bater as portas, ou o ruído dos canos de aquecimento ou da passagem de líquidos e até os vizinhos nos oferecem os ruídos dos seus rádios ou das suas disputas em alta voz ou a gritar; a campainha da porta, impressiona-nos com o receio de uma visita inoportuna ou de um vendedor indesejável. Nem de noite a casa adormeceu; a passagem de carros chega a abanar a casa e, pelo menos, os ruídos das travagens rápidas com deslize dos pneus, excita-nos e faz-nos recear pelo condutor ou pelos peões.



Quais são as acções protectoras da defesa do fígado, exercidas pelos lipotrópicos?

- 1.º — No trabalho permanente de renovação das células hepáticas, exerce um estímulo para a formação das novas células.
- 2.º — Uma acção contrária à degenerescência das células do fígado.

Em que consiste a associação de lipotrópicos a outros elementos, constituída pela Colimetina?

- 3.º — Regeneração do fígado, de forma a que, num período demorado, as células doentes ou degeneradas, vão sendo substituídas por células novas.

A Colimetina é um preparado em cuja composição entram:

- a) Lipotrópicos (Citrato de colina, metionina, inositol).
- b) Complexo B.

Por isso está indicada em todas as hepatopatias (cirroses, intoxicações) diabetes e arterioesclerose.

A posologia média é de 6 a 10 cápsulas por dia.

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A PENAMPLA REPRESENTA O REGRESSO DA
PENICILINA À POSIÇÃO CIMEIRA ENTRE OS
ANTIBIÓTICOS MAIORES

O seu grau de eficácia
comprovativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocus Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,
que *Penampla* cons-
titui o maior dos
'antibióticos maiores'

O seu valor farmacoló-
gico relativo pode dedu-
zir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 800 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas